

Haddad admite 'corrigir' pacote após Congresso cobrar rigor fiscal

'AJUSTE' NO AJUSTE FISCAL

Haddad diz que pacote não é 'bala de prata' e pode ser corrigido. Dólar fecha a R\$ 6 pela 1ª vez



“A questão de isenção de IR, embora seja um desejo de todos, não é pauta para agora e só poderá acontecer se (e somente se) tivermos condições fiscais para isso. Se não tivermos, não vai acontecer. Mas essa é uma discussão para frente, que vai depender muito da capacidade do Brasil de crescer e gerar riqueza, sem aumento de impostos”

Rodrigo Pacheco (PSD-MG), presidente do Senado



“Tenho falado muito com os presidentes da Câmara, Arthur Lira, e do Senado, Rodrigo Pacheco, e há alinhamento com o governo. Se houve alguma surpresa lá, ela foi positiva. inclusive para corrigir distorções do pacote. Podemos abrir o ano legislativo com medidas corretivas. Não há soberba do governo, e ninguém está querendo vender fantasia”

Fernando Haddad, ministro da Fazenda



“Qualquer outra iniciativa governamental que implique renúncia de receitas será enfrentada apenas no ano que vem, e após análise cuidadosa e sobretudo realista de suas fontes de financiamento e efetivo impacto nas contas públicas. Uma coisa de cada vez. Responsabilidade fiscal é inegociável!”

Arthur Lira (PP-AL), presidente da Câmara

JOÃO SORIMA NETO, LAURIBERTO POMPEU E ISA MORENA VISTA

DECLARAÇÕES ATENUAM ESCALADA DA MOEDA

Após alcançar R\$ 6,11 durante o pregão, divisa encerra com novo recorde de fechamento a R\$ 6

Após a repercussão negativa do pacote de corte de gastos apresentado em conjunto com a isenção do Imposto de Renda (IR) para quem ganha até R\$ 5 mil, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, disse que há alinhamento com o Congresso para corrigir distorções. Os presidentes da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), e do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), defenderam medidas de ajuste, mas indicaram que qualquer debate sobre IR deve ficar para o próximo ano e só será viável se houver condição fiscal. As declarações ajudaram a atenuar a escalada do dólar, que chegou a atingir R\$ 6,11 durante a manhã, um patamar inédito. Ainda assim, a divisa encerrou o pregão com alta de 0,19% e fechou pela primeira vez a R\$ 6.

Haddad participou de almoço promovido pela Federação Brasileira dos Bancos (Febraban), em São Paulo. Antes do evento começar, ele se encontrou com banqueiros e explicou detalhes da medida. Foi aconselhado a separar a questão fiscal, considerada o calcanhar de aquiles do governo, de outros temas. A inclusão da isenção do IR no anúncio foi considerada um erro de comunicação. No almoço, Haddad disse que não há soberba em relação ao pacote e que as medidas podem ser corrigidas.

— Tenho falado muito com os presidentes da Câmara, Arthur Lira, e do Senado, Rodrigo Pacheco, e há alinhamento com o governo. Se houve alguma surpresa lá, ela foi positiva,



inclusive para corrigir distorções do pacote. Podemos abrir o ano legislativo com medidas corretivas. Não há soberba do governo, e ninguém está querendo vender fantasia.

**SEM 'GRAND FINALE'** O ministro afirmou que o conjunto de medidas não é um grand finale e repetiu que o problema fiscal do país não será resolvido com uma "bala de prata". O mercado considerou o ajuste insuficiente para equilibrar as contas públicas e teme que a inclusão do IR não seja devidamente compensada pela criação de um imposto mínimo para a alta renda, como propôs o governo. A Fazenda calcula economia de quase R\$ 72 bilhões com o pacote, mas analistas veem impacto de pouco mais de R\$ 50 bilhões. Segundo Haddad, o papel do governo é superar, explicar e corrigir e, se necessário, pode voltar para a planilha nos próximos três meses.

Pacheco e Lira defenderam medidas de ajuste fiscal, mas não endossaram a isenção do IR, indicando caminho difícil para o projeto. "A questão de isenção de IR, embora seja um desejo de todos, não é pauta para agora e só poderá acontecer se (e somente se) tivermos condições fiscais para isso. Se não tivermos, não vai acontecer. Mas essa é uma discussão para frente, que vai depender muito da capacidade do Brasil de crescer e gerar riqueza, sem aumento de impostos", disse Pacheco por meio de nota. O senador reclamou da preocupação do governo com a impopularidade do pacote. "Em se tratando de política fiscal, é preciso afastar o medo da impopularidade que constantemente ronda a política. Nesse sentido, é importante que o Congresso apoie as medidas de controle, governança, conformidade e corte de gastos, ainda que não sejam muito

simpáticas", apontou. Em uma rede social, Lira afirmou que a iniciativa de mudança no IR só será analisada em 2025 e que responsabilidade fiscal é inegociável: "Qualquer outra iniciativa governamental que implique renúncia de receitas será enfrentada apenas no ano que vem, e após análise cuidadosa e sobretudo realista de suas fontes de financiamento e efetivo impacto nas contas públicas. Uma coisa de cada vez. Responsabilidade fiscal é inegociável".

**TEBET: 'FUI VENCIDA'** O pacote apresentado pelo governo inclui mudança na regra de reajuste do salário mínimo, pente-fino em programas sociais, idade mínima para aposentadoria de militares, entre outras ações. A tramitação do pacote de gastos deve começar pela Câmara. Lira disse que a Casa vai analisar as medidas que impe-

Gabriel Galpão, que assumirá a presidência do Banco Central no ano que vem, afirmou que o mercado está "digerindo" as medidas anunciadas pelo governo.

**'TAXA CONTRACIONISTA'** Sobre a alta do dólar, ele disse que houve uma discussão no BC se havia algum tipo de disfuncionalidade no câmbio, sem dar detalhes. Na semana, a moeda subiu 3,21%. No ano, a alta acumulada passa de 23%: — O Banco Central só agirá se houver disfuncionalidade — garantiu.

Perguntado sobre a tendência para a taxa de juros, Galpão disse apenas que expectativas de inflação não ancoradas são uma fonte de grande desconforto para o banco: — Se você tem uma moeda mais desvalorizada, e a economia crescendo mais do que o esperado, será preciso ter uma taxa de juros mais contracionista por mais tempo.

Para Alexandre Viotto, gerente de câmbio da EQI Investimentos, as declarações vieram para "apagar o fogo" que a frustração com as medidas causou. Mas o momento é de pressão no BC, com juros hoje em 11,25% ao ano.

— O que deve começar a fazer preço nos próximos dias é reunião do Copom (Comitê de Política Monetária) — disse. — O fator que pode ajudar a segurar o dólar é a reunião do BC (em dezembro). Os juros futuros viveram dia de montanha-russa. Os contratos para janeiro de 2026 chegaram a operar acima de 14%, mas encerraram dia em leve queda, a 13,89%.

